

Manuel Maia

Retalhos da vida de um empresário

Fique a par da vida de um empreendedor e visionário que, a partir do nada, criou mais de 20 empresas, 4 delas no estrangeiro.

Criou e projetou a nível internacional a marca de casual wear Mako Jeans, que esteve presente em cerca de 30 países.



Tudo pertence ao passado. Quero afirmar, pela minha honra, que não tenho nada contra ninguém, o mais pequeno resquício de ódio ou inveja a quem quer que seja, bastando-me a alegria e satisfação pessoal de ter melhorado a vida de muita gente, de ter criado 20 empresas, quatro delas no estrangeiro. Isto também é um bem intangível, que ninguém me pode tirar.

Agradecimento

O meu obrigado a todos aqueles que irão ter a paciência para ler este livro, que retrata a minha vida empresarial mas que também recorda, principalmente aos mais novos, o que foi o século XX, os loucos anos vividos pelos nossos pais e avós.

Tempos de guerra, pobreza, dor e sofrimento, aqui e ali, temperado pelo sucesso de alguns e a felicidade de muito poucos.

As estórias que recordo, na história daqueles anos, pretendem também servir de exemplo para que meditem nos erros, e foram muitos, que cometi mas sempre tendo como objetivo dignificar a condição humana na pessoa dos meus colaboradores e seus familiares. E sobre isso nada me pesa na consciência...

Procurei, e penso que consegui, relatar os factos por ordem cronológica, o que me ajudou a reconstituir e recordar tudo o que de importante aconteceu durante os meus anos de atividade empresarial.

De 1935 a 1945 consultei o Instituto Nacional de Estatística, o “Jornal de Notícias” e o Círculo de Leitores. Também recorri a uns opúsculos – livrinhos pequenos – que eram publicados anualmente para vender a cada aniversariante, destacando o que de importante aconteceu no ano em que veio ao mundo.

A maior parte dessas informações e notícias que inseri neste livro nunca foram publicadas devido à censura do Estado Novo. Algumas têm complementos meus.

Foi este o método que utilizei para que, cronologicamente, houvesse notícias e outras curiosidades desde 1935 a 1945, altura em que tinha 10 anos.

A partir desse último ano (1945), apenas transcrevi alguns, poucos, desses acontecimentos, dado que já sabia ler e escrever, recorrendo, quase sempre, a casos da minha vida ou dos meus familiares.

Assinalo pessoas que foram importantes no contexto europeu e mundial, algumas com uma passagem efémera pela vida, que não conheci mas que considero de grande referência.

Recordo, naturalmente, muitos familiares, muito queridos por mim, nomeadamente os meus primos que estão em Portugal, França, Estados Unidos da América e Brasil.

Como método de trabalho, a consulta das minhas agendas de bolso, onde anotei sempre o que me pareceu mais importante, e jornais e revistas, nacionais e estrangeiras, que sempre devorei com entusiasmo.

Sobre a família, socorri-me de documentos de casa de meus pais, principalmente o que ocorreu desde que nasci, em 1935, até 1950, e também do inestimável auxílio do meu primo José Constantino, que está no Brasil, que me permitiu o acesso à genealogia da nossa família.

Os restantes 65 anos da minha vida, de 1950 até hoje, foram por mim registados em papel, o que me permitiu não ter qualquer apagão de memória, absolutamente natural nos meus quase oitenta anos.

Não utilizei a Internet, dado que nunca aprendi informática, o que, curiosamente, penso fazer após a conclusão desta minha biografia.

Por último, uma menção muito especial à minha família mais próxima, minha mulher, meus filhos e netos, a quem este livro é dedicado.

Obrigado pela vossa paciência.

Manuel Maia

Retalhos da vida de um empresário: porquê?

Naturalmente que este exercício de escrita tem muitas limitações e lacunas, dada a minha teimosia em não consultar fontes ou pessoas, directamente, guiando-me apenas pelos recursos e informações que recolhi durante estes 50 anos da minha vida empresarial.

Pretendi, também, testar a minha memória recorrendo ao “arquivo” acumulado ao longo dos anos. Utilizei a forma cronológica, em que às vezes, os factos saem em cadeia, como as cerejas. Relato os acontecimentos familiares quase todos sem qualquer interesse para a maioria das pessoas que tiverem a paciência de ler este livro. A acção passa-se num espaço e num lugar sem grande notoriedade, embora com grande consonância com o meu estilo de vida. Tem factos, nomes, datas, lugares e números, sujeitos a erros, devido à minha teimosia em não querer incomodar ninguém, mas sempre com o propósito de ser verdadeiro.

Por outro lado, tem algum sentido que o livro tenha este título.

A minha vida é formada por várias etapas que no conjunto formam todo o meu ser. Também podia ser “Etapas”, em vez de

“Retalhos”. Optei por este último e, no decorrer da leitura, verificará que aparece a palavra Retalhos, à qual fico ligado como empresário numa forma indissolúvel.

Há mais razões: A minha vida é toda ela baptizada desde que nasci, por factos marcantes: nasci numa família da classe média, pelo que sempre pensei que iria ter possibilidade de me valorizar pelo estudo. Não foi isso que, entretanto, aconteceu. Fiz o serviço militar e aí dei-me conta que tinha de repensar a minha vida futura. Estudei em adulto, quando o deveria ter feito na juventude. A vida que, por sorte, eu iria ter não era aquela que eu inicialmente desejava. Estudei e empreguei-me aos 24 anos; quando a todos lhes parecia que eu estava bem, estabeleci-me, fui um médio empresário com algum sucesso, ajudei a minha família, fundei 20 empresas, tive algumas desilusões com familiares e amigos.

Toda a minha vida empresarial, no âmbito geral, foi, e com todas as experiências, de grande sucesso, se considerarmos que ter êxito é também a criação de emprego com remuneração justa. Conheci pessoas importantes pelo mundo inteiro, e, para não marcar mais, vivo hoje, aos 80 anos, simplesmente da minha reforma. Foi uma vida “retalhada” por etapas sucessivas.

1935 – o ano em que nasci

Em 1935, ano em que nasci, Portugal tinha uma população de 6 825 883 habitantes, número que não sei se já me incluía. Os nascimentos foram 203 943, de ambos os sexos.

Nasci a 11 de Outubro, uma sexta-feira, às 7 da tarde. Fui baptizado a 18 do mesmo mês, tendo como padrinhos os meus avós, Guilhermina Augusta Oliveira Cruz e Manuel Alves da Costa Ferreira, e como progenitores uma mãe muito bonita e jovem, com apenas 21 anos, de nome Maria Augusta Ferreira Cruz, e o meu pai, com 29 anos, uma bela figura, António de Oliveira Maia. Neste mesmo ano e mês, a 5, nasceu, em Canidelo, Vila do Conde, a minha prima Maria de Fátima, a residir no Brasil, há muitos anos.



Pelo nome dos meus padrinhos facilmente se identifica que eram os pais da minha mãe. Os meus pais e os meus padrinhos (meus avós) deram-me o nome Manuel Amândio Ferreira Maia, que poderia ter sido Manuel Amândio Cruz Maia, mas predominou o nome do meu avô e não o da minha avó.

Gostaria de lembrar que o “Amândio” vem do meu bisavô materno, tendo sido contemplados com este nome outros meus primos. A genealogia de alguns nomes vem de gerações antigas que sempre fizeram questão que continuasse na família Cruz, como, por exemplo, Augusto ou Augusta, que tem como significado “digno de respeito e veneração, magnífico, solene ou majestoso...”.

Eu sou o primeiro filho e primeiro neto. Segue-se, após dois anos, o José Augusto, o Mário e a Maria Guilhermina, que deveria ter tido o nome de Maria Guilhermina “Augusta” Ferreira Maia. Não poderei deixar de mencionar o nome dos meus tios maternos, António e Maria Cândida.

Eu e todos os meus irmãos nascemos em casa dos meus avós maternos, tendo como “parteira” a senhora Alexandrina do Moisés, uma “curiosa” com muita prática, dado que já tinha assistido muitas parturientes.

Gostaria de fazer uma referência especial ao tio António. Este meu tio, irmão da minha mãe, era alguém com quem conversava como se fôssemos irmãos. Era tal e qual eu, até na estatura, como o meu tio-avô Manuel Joaquim, de Bairros. Não esqueço a sua esposa, Maria da Conceição, que, nos meus oito anos, foi para mim um autêntico “anjo da guarda” por me ter livrado de alguns castigos dos meus pais. Vivía com eles em casa dos meus avós.

A minha família é tão grande, tanto do lado da minha mãe como do meu pai, que ficaria aqui a encher folhas sem fim. Vou apenas mencionar alguns tios e alguns “primos-irmãos”, sobretudo aqueles que marcaram a sua vida com algumas facetas interessantes e com muita projecção social, devido ao seu valor intrínseco.

Os tios do lado paterno

Os meus avós paternos, José Domingues de Sousa Maia e Maria de Oliveira Matos, residentes em Guilhabreu, Vila do Conde, e a filha mais nova faleceram todos na mesma semana: o avô a 24/09, a avó a 27/09 e a filha, recém-nascida, a 28/09 de 1918.

José e Maria tiveram a seguinte descendência, constituída por nove filhos: Manuel Maria de Oliveira Maia, Albina de Oliveira Maia, Alzira de Oliveira Maia, Maria da Purificação de Oliveira Maia, António de Oliveira Maia, Aurora de Oliveira Maia, Carolina de Oliveira Maia, Mário de Oliveira Maia e a recém-nascida, que não recebeu nome.

A doença que vitimou os meus avós era epidémica, atacava os pulmões, era também chamada “pneumónica” ou febre espanhola, e provocou na época, em Portugal e toda a Europa, um grande número de óbitos. Era considerada uma grande pandemia. Os meus avós faleceram no ano em que foi descoberto o medicamento para sua erradicação, no final da I Grande Guerra, em 1918.

Esta epidemia foi semelhante à tuberculose, que nos atingiu nos anos 50 do século passado, que só terminou com a descoberta da penicilina, que não era mais do que um poderoso antibiótico. A filha da tia Alzira, que nascera em França, foi acometida com esta enfermidade. Eu tinha um receio permanente de ser contagiado, nessa altura.

Voltando a minha família. Que fazer daquelas oito criaturas que ficaram órfãs tão novas? Foram o tio Abade Sousa Maia e a tia



Fátima e eu. Temos a mesma idade, eu sou mais velho 5 dias



Tia Carolina com a Fátima e eu.

*Maria Júlia (tios-avós), irmãos do meu avô, que acabaram por ser os pais deles. Segundo as minhas informações, que são muito poucas, fez o seguinte: **Manuel Maria de Oliveira Maia**, o filho mais velho, que nasceu o 04/03/1896, com 22 anos, tinha alguma experiência na área da engenharia mecânica – não sei se estudou ou não – mas o meu pai contava que ele era muito inteligente, criou mesmo uma miniatura de uma locomotiva a gasogénio. Mais tarde, foi para França, onde criou uma banda de jazz na cidade de Verdun – esta cidade foi mais tarde conhecida por ter sido o lugar de uma célebre batalha da II Grande Guerra Mundial – acabando por explorar um negócio de bicicletas. Era casado com Gracinda Ferreira Coutinho, de Guilhabreu, Vila do Conde. Faleceu na cidade de Belford (França) a*

06/03/38. Teve dois filhos: José Nuno Coutinho Maia, meu primo em 1º grau, que residiu e trabalhou em Moçambique, onde usufruía de uma boa situação, mas que acabou por regressar a Portugal após a independência daquele país, sem nada. Acabou por se empregar numa empresa onde eu era sócio e morreu prematuramente. Um dos seus filhos, Mário Nuno Vieira Maia, meu segundo primo, acabou por ir trabalhar comigo, sendo o meu braço-direito nas empresas que criei. Este rapaz, casado há 30 anos com Luísa da Costa Casal Ribeiro, tem um filho de 28 anos. É um familiar que nunca tirou partido do seu parentesco e é duma fidelidade e seriedade “à prova de bala”. Parabéns, Mário Nuno, felicidades para toda a tua família.

***Albina de Oliveira Maia**, a mais velha das irmãs, nasceu em Março de 1898. Tinha 20 anos quando faleceram os pais. Esteve em casa do tio Abade em Canidelo e daí casou com A. Oliveira Maia,*

tendo ido para o norte de França, próximo de Calais, na zona do Canal da Mancha. Teve quatro filhos: Alzira, Joaquim, Otília e Nnete. Os filhos casaram e levaram uma vida normal, sendo um dos genros professor de desenho e funcionário da Peugeot. Lembro-me de os ter visitado em Paris e tenho uma foto com a tia Albina, num passeio a Fátima, numa das poucas viagens que ela fez a Portugal. Falava muitas vezes com a irmã Alzira que vivia em Biarritz (sul de França), dizendo-lhe que ela teve mais sorte, dado que se estabeleceu e vivia bem, embora à custa de um trabalho duro.

***Alzira de Oliveira Maia** casou com Domingos Fernandes de Azevedo. Foi da casa do tio Abade que casou e seguiu com o marido para França. Este morreu muito novo, vivendo apenas oito anos após o casamento. Tiveram uma única filha, de nome Maria Victória Maia Azevedo. A tia Alzira – “titia”, como desejava ser tratada em relação aos sobrinhos – visitava a família em Portugal com muita frequência e trazia sempre chocolates que adorávamos. A tia Alzira era uma pessoa de grande inteligência. Através do seu negócio, que terá iniciado com produtos alimentares, acabou na moda, com uma boutique sempre bem sortida. Era morena, vestia muito bem e era dotada de uma beleza e simpatia invulgares. Passámos muitas férias de Verão na sua casa de Biarritz e à noite íamos jantar aos belíssimos restaurantes junto à praia. Conhecemos, graças a ela, toda a zona interior de Bayonne, onde se localizavam restaurantes com comida deliciosa. Nos últimos anos da sua vida, tinha uma situação de grande desafogo, não só através da reforma como de rendimentos e aplicações financeiras.*

Tinha uma única filha, que tratávamos familiarmente por “Mamy”, que está casada com um médico de nome Joseph Anxolabehere, tendo o casal dois filhos, também médicos – Fabien e Frédéric, ambos casados.

Sobre esta prima, Mamy, com quem falo com muita frequência, irei escrever algo mais, depois de fazer uma minibiografia de todos os meus tios.

Maria da Purificação de Oliveira Maia: para o meu pai, e seu irmão, foi quem mais tempo viveu juntamente com ele, em casa dos seus tios António e Emília, em Lantemil. O meu pai nunca se cansava de enaltecer as suas virtudes. A minha tia tinha 15 anos e o meu pai 13. Eram duas crianças que trabalhavam já como adultos. Não tenho elementos nem informações que me permitam saber se antes de ir para Lantemil também teria passado por Canidelo e permanecido algum tempo com o tio Abade. Não tive a felicidade de a conhecer. Tenho-me “vingado” em co-



Maria da Purificação e Manuel Costa e Silva com os filhos Albino e Alberto (meus tios e meus primos)

nhecer bem os seus filhos Albino e Alberto. Nos últimos tempos – refiro-me a toda a minha família – temos tido grande prazer de conviver com o filho da Luísa e do Albino, o Álvaro Luís, e nele e com ele recordamos toda a família, desde os avós até aos pais. A tia Maria da Purificação casou com o Manuel da Costa e Silva, que conheceu numa das visitas que fez à sua mãe, Joaquina Costa, que residia numa casa muito bonita mandada edificar para residência permanente da sua progenitora. A tia Maria nunca veio mais a Portugal. Têm vindo os seus filhos Albino e Alberto, este ultimo creio que três vezes, uma delas pelo aniversário da neta Taíssa, assim como a mãe dela e sua filha Isabella que veio fazer uma especialização numa universidade portuguesa. A Taíssa permaneceu cá um ano e vinha muitas vezes a nossa casa. O Albino já veio muitas vezes a Portugal, com toda a família,

mas há muito tempo que já não nos visita. Agora, não se pode queixar que não tem tempo... Nós visitamos o Albino e a Luísa, em S. Paulo, e em Londres, algumas vezes. O meu primo Albino era o homem que exercia funções na Camargo Correia, no sector internacional, e era da inteira confiança do senhor Sebastião Camargo, sócio-fundador e o homem mais rico do Brasil, chegando a ser o segundo mais rico a nível mundial.

***António de Oliveira Maia:** perdeste os teus pais aos 13 anos, só tu e mais ninguém sabe a falta que te fizeram. O convívio com os teus sete irmãos acabou. Foste escalado para ir trabalhar para a casa do tio António, em Lantemil. Uma das primeiras conversas que ouviste, tu e a tia Maria, foi da tia Emília: vocês vêm para cá não como sobrinhos, mas como criados. É como dizer: “não conteis com regalias, aqui tendes comida, dormida e trabalho. O carinho acabou... morreu com os pais...”.*

Tiveste uma vida dura. Foste um homem com H grande, mas só isso não é suficiente. Precisamos de calor humano. Eu não sei, e os meus irmãos também creio que não sabem, se tinhas algum vencimento pelo trabalho que realizavas na casa dos tios. Pouco interessa agora discutir isso. Sei que eras muito habilidoso de mãos (no bom sentido da palavra) e que fazias uns biscates, de barbeiro, mecânico de motores, fazias enxertias e até tarefas de veterinário. Mesmo assim, lutaste até aos 29 anos e casaste com a rapariga mais bonita da terra e com a possibilidade de herdar alguns bens de fortuna. A sorte bateu-te à porta, pela primeira vez. A 27 de Dezembro de 1934, a Maria Augusta Ferreira Cruz aceitou e tu recebeste-a como esposa para toda a vida. Passados 11 meses, nascia eu. Assentaste “arraiais” em casa dos meus avós maternos, substituindo-os nos trabalhos agrícolas, que ficaram a teu cargo. Voltarei a falar de vocês os dois – os meus queridos pais – mais adiante.

Poderão os leitores dizer que desenvolvi pouco a vida dos meus pais. Quis dar um exemplo de igualdade em relação aos irmãos. Mas os meus pais estão presentes em várias partes deste livro.

Aurora de Oliveira Maia: tinha nove anos quando os pais a deixaram. A rotina é a mesma. Casa do tio Abade em Canidelo, Vila do Conde. A tia Marquinhas, irmã do Abade Sousa Maia, que morreu solteira, também foi uma mãe para todos aqueles sobrinhos. Não sei dos anos que passou junto dos irmãos e dos tios. Talvez os meus primos Zezinho e Toninho me ajudassem. Não recorro à Internet (e sei que a minha tia também lá não constava) nem a informação de familiares.

Com prejuízo de faltar muita coisa sobre a vida da tia Aurora e até de errar nalgumas coisas, vou, até ao fim, seguir o mesmo critério. O que arqueei na memória é suficiente para descrever esta minha tia. Em termos de espaço, não ficará atrás dos outros irmãos. A tia Aurora fazia diferença do meu pai, para mais nova, quatro anos. A cadência dos nascimentos é de cerca de dois anos, mas aqui alterou-se. Pode ter aqui acontecido que entre o meu pai e a minha tia tenha nascido algum irmão que não sobreviveu. Vamos partir de princípio que tudo está certo. A tia Aurora nasceu em 06/06/1909. Casou em 18/11/1941 – cerca de 10 meses depois de ter falecido o tio Abade – com Manuel Moreira da Costa, quatro anos mais velho.

Não é possível ninguém imaginar o que uma criança de nove anos possa pensar de ter perdido os seus pais, por muito bem que possa ser tratada pelos seus tios. Acredito que todos fizeram o possível para que eles se sentissem felizes, mas não há nada nem ninguém que possa dar o amor que só os pais conseguem transmitir. Há crianças que aceitam mal esta fatalidade e outras que não. No caso dos nossos pais e tios – estou a falar mais para os meus primos, filhos da tia Aurora. Os irmãos dos nossos pais excepto o tio Manuel, o mais velho, acho que, dos nossos tios, a mais traumatizada terá sido a tia Albina, que sempre vimos triste com a sorte que lhe coube. Não vou desenvolver mais considerações.

A tia Aurora era, em relação a todos os nossos tios, a pessoa mais simpática de todas. Desportiva e alegre. Basta pensar na

sua bicicleta e naquela saia que ela criou que fazia uma espécie de calça com pernas, a apertar com botões. Não era bonito ver-se os joelhos nas meninas ou senhoras jovens. Eu tinha seis anos quando ela se casou com o tio Manuel. Uma pessoa que vai a França, muito nova, para estar com a irmã e até creio que terá ido duas vezes. Esteve lá bastante tempo, ao ponto de aprender francês. Não sei se teria ido com a titia Alzira, dado que as duas, com a Mamy, estiveram nas bodas de ouro do Tio Abade. Lembro-me também de o tio Manuel ir namorar para Lantemil, de moto. Todo este conjunto de circunstâncias, e ainda por cima passadas numa aldeia, não era comum.

Vocês terão muito orgulho nos pais que o destino vos concedeu. Também nenhum dos nossos primos pode ter tido o prazer e honra que tive de reunir e ir a Biarritz, com o meu pai, a vossa mãe, a nossa tia Carolina, do Brasil, e o tio Mário e juntarmo-nos à tia Alzira e observar aquele encontro dos cinco irmãos vivos. Que alegria eu senti ao vê-los tão felizes!

Carolina de Oliveira Maia: *o verdadeiro nome dela é assim. Através do casamento adotou o nome do marido – Miranda – retirando o Oliveira. Esta minha tia era a última por ordem cronológica de nascimento das senhoras. Continuo a pensar que podia ter existido mais um nascimento entre o meu pai e a tia Aurora. Se o José Constantino, meu primo e biógrafo da família Maia e grande entusiasta e estudioso da genealogia, não faz referência a nenhum ser nado – morto ou vivo, é porque não existe. Assim, a tia Carolina é a sétima filha do casal José Domingues de Sousa Maia e Maria de Oliveira Matos, meus avós paternos. Tinha sete anos quando faleceram os seus pais. O que irá na cabeça de uma criança quando se apercebe que não tem pais como as outras? Ninguém sabe. Sobre minha tia nunca ninguém admitiu que ela não foi feliz. A tia Carolina sempre respirou felicidade. Nasceu a 7 de Setembro de 1911 e casou em 20/08/1939, no Recife, com Augusto Teixeira Miranda, natural do Marco de Canaveses. Antes de ir para casar no Recife, e dado que lá viviam já muito*

parentes, terá ficado com a Celina e Ilídio, que eram primos pelo ramo do tio Constantino, irmão de seu pai. Antes de partir para as terras de Vera Cruz, passou muito tempo em casa do tio Abade, até pelo menos à altura das bodas de ouro sacerdotais, que se realizaram no dia 15 de Agosto de 1938, tendo embarcado em Leixões nos primeiros meses do ano seguinte. A tia Carolina era mais inibida que a tia Aurora. A tia Carolina não teve descendência. O marido mandou o sobrinho para o Brasil, que casou com uma senhora duma família natural do Porto, resultando desse casamento uma filha, que, quando mais crescida, acabou por assumir os cuidados que a mãe não quis, ou não pôde ter, em relação ao acompanhamento da tia. Visitei a tia Carolina várias vezes e verificava, com muita pena – sobretudo nos últimos anos – que o desafogo não existia, valendo-lhe, sempre que podia, não somente quando a visitava mas também ajudando-a a partir de Portugal. É muito triste que uma pessoa generosa, trabalhadora incansável, não consiga ter um fim de vida sem ser amargurado pela carência de meios, quando chegou a ter bens de valor considerável.

Não teve um fim feliz, apesar da sua vida de trabalho intenso e de ser um ser humano que ajudou muita gente de origem portuguesa e brasileira, acabando ela própria a sofrer pelo bem que sempre procurou espalhar. Há mais de cinco anos, consegui falar com essa Fatinha, comunicando-me que a tia não conhecia ninguém e que vivia num apartamento.

Quando visitei a tia pela primeira vez, há cerca de 40 anos, trabalhava ao fogão a cozinhar centenas de marmitas de comida. Vivia no Derby, lugar no centro do Recife, numa casa de rés-do-chão e primeiro andar, propriedade sua. Tinha mais uma casa na praia da Boa Viagem. Passados alguns anos, já tinha mudado de casa e, tempos depois, já morava nos arredores da cidade. Cada vez pior o lugar e o espaço, acabando num apartamento que nunca cheguei a conhecer porque a Fátima não me deu o endereço. Não sei mais nada daquilo que lá se passou...

Estou convencido que nenhum dos sobrinhos estava à espera de receber nada da tia, mas é lamentável e chocante se ela passou mal por falta de meios.

Nota: A Fátima, filha da Branca – sobrinha do marido – a que ficou com os haveres da tia, tinha obrigação de comunicar aos sobrinhos verdadeiros a verdade sobre a tia Carolina. A Fátima não tem o nosso sangue.

Mário de Oliveira Maia: *o tio Mário, o mais novo da série de oito irmãos. Tinha cinco anos quando ficou órfão. Pouco ou nada se deve lembrar dos seus pais. Nasceu a 13 de Novembro de 1913 e casou em 21 de Maio de 1942.*

Conheci o tio Mário ainda solteiro. De todos os tios, este era, sem dúvida, um exemplar único. Inteligente, culto, habilidoso, sabia um pouco de tudo. O próprio desenho da sua casa foi ele que o fez. Vamos falar dele ainda solteiro. Ficou algumas vezes em casa dos meus avós, na Trofa velha, mesmo junto à estação do caminho-de-ferro. A minha mãe lavou-lhe a roupa interior e camisas muito tempo. O tio Mário teve vários empregos em Portugal, mas nenhum era aquilo que ele idealizou. Terá sido como revisor do caminho-de-ferro (C.P.) que terá chegado à conclusão de tomar duas decisões importantes na sua vida: casar e emigrar para África (Moçambique). A mulher com quem casou era de uma estranha beleza. A tia Augusta, que ainda hoje é viva, está acamada já há algum tempo. O tio Mário e a tia Augusta eram o casal que toda a gente gostava de ser e ver. Nunca conheci casal de aspecto tão feliz. O tio Mário estudou e também o fez como autodidacta, permitindo-lhe um grau cultural elevado. Após alguns empregos, antes do caminho-de-ferro, pensou em África, indo ele primeiro para preparar o caminho, e só quando tinha a sua vida estabilizada é que mandou ir a esposa, a tia Augusta. Dados os seus vastos conhecimentos não teve dúvidas em se candidatar a um posto superior na Algodoeira Sul Save, uma das empresas mais importantes daquela ex-colónia portuguesa. O tio Mário tinha qualidades pouco comuns: era um homem muito sério, culto

POSFÁCIO

Comecei a escrever este livro em Fevereiro de 2015, tendo-o terminado em finais de Janeiro de 2016.

Gosto muito da moda e de tudo que com ela se relacione, continuando a dar a minha colaboração nesta área. O meu segundo amor será a escrita. Se este meu livro vier a ter, junto de amigos e outros leitores, algum interesse, levar-me-á a um projecto mais ambicioso que será a minha biografia, uma espécie de segunda edição deste livro, melhorada e aumentada, recolhendo somente algumas passagens deste trabalho mas retirando tudo o que é técnico, destacando principalmente pormenores da minha vida e desembaraçando-me de alguns obstáculos que a ética empresarial me coloca.

Esta minha “estória” teve fases monótonas e maçadoras e outras com interesse e mais alegres que não deixam de ser como o quotidiano da vida, que comporta estes factos incontornáveis.

Darei largas aos assuntos e vivências da minha vida de carácter pessoal, com uma grande abertura de espírito.

Desde 2011 que não faço parte de qualquer empresa, embora, desde então, me tenham solicitado alguns trabalhos na pesquisa da moda, sobretudo no estrangeiro, o que fiz de forma gratuita, suportando os custos quem me requisita.

Vivo da minha reforma, que sofreu uma redução considerável, em finais de 2011, como aconteceu a todos os portugueses.

O José Alberto Magalhães, jornalista e meu amigo, que coordenou esta obra, entusiasmou-me com os progressos que me disse eu ter feito, criando uma inspiração com este primeiro exercício. Aproveito para lhe agradecer o facto de ter respeitado tudo como eu escrevi, apenas corrigindo, gramaticalmente, alguns textos. Acabámos por estabelecer uma relação de amizade devido ao trato franco que ambos utilizamos. Alguns textos sobre política são da sua responsabilidade, que os “encaixou”, muito bem, na ordem cronológica por mim estabelecida.

A Me Allegro é a “sponsor” deste livro, assumindo o seu custo e eventuais proveitos, bem como se responsabilizará pelo seu lançamento, promoção e comercialização.

Esta obra é dedicada à minha mulher – que tem tido um “fardo” razoável –, aos meus filhos, António Manuel e Maria Teresa, e aos meus netos, Inês, António e Maria João.

Dedico-o também aos meus irmãos, Maria Guilhermina, Mário e José, e a todos os seus familiares.

Por último, não poderei esquecer – dado ter sido a última empresa onde trabalhei – os que me sucederam na Me Allegro, há cinco anos, e que completaram a redecação do rés-do-chão, último piso que faltava, apresentando-se agora, a todos os amigos e clientes, como um espaço de moda dos mais atraentes e grandiosos da Península Ibérica.

Todos os que lá trabalham deverão considerar-se uns privilegiados ao desenvolver o seu ofício numa casa que honra o Porto, o país e a Europa, estando a continuação do seu sucesso muito dependente do seu indispensável esforço.

Um abraço para todos...

Manuel Maia

(Janeiro de 2016)

“Eu tinha 15 anos. Não era um menino–prodígio, apenas retive na minha memória a vida dura que levei, pensando sempre que, se nós quisermos um dia ter uma vida melhor, temos de ser nós próprios a prepará-la para que isso aconteça. Foi sempre isso que fiz, no decorrer dos anos, para trocar as voltas à vida em relação ao futuro.”



O autor deste livro – que não é uma obra literária – terminou aos 23 anos o serviço militar obrigatório. Durante estes quase 24 meses de serviço cívico pensou muitas vezes sobre como iria ser o seu futuro, dado que tinha apenas a instrução primária.

Concluiu que só poderia alterar o seu destino se procurasse aumentar os seus conhecimentos literários e culturais através de alguma formação académica. Começou a fazê-lo como trabalhador-estudante.

Depois do trabalho administrativo nos escritórios de duas empresas, onde exercia as suas funções, acabou por propor, em 1966, ao seu último patrão, a constituição de uma sociedade comercial, com sede no Porto.

Após quatro anos e alguns meses com o seu ex-patrão, apresentou-lhe, como alternativa, ficar um ou outro com as duas empresas que haviam criado. Acabou por ficar o autor destes escritos.

Em 1972, tudo recomeçou de novo. Numa autêntica “bola de neve”, criou cerca de 20 empresas, quatro delas no estrangeiro.

Empregou centenas de pessoas – sempre oferecendo regalias sociais acima da média – e contribuiu para o desenvolvimento do país.

A sua vida empresarial – fez 50 anos, em Abril de 2016 – não foi uma corrida numa auto-estrada, mas sim uma “montanha russa” com alguns segmentos de recta.

Hoje não faz parte de qualquer empresa, vivendo da reforma, para a qual sempre contribuiu.



1966-2016

www.vidaeconomica.pt

ISBN: 978-989-768-246-9

